

Miguel Baltazar

## O QUE SE PASSA DURANTE ESTE ANO

O ano de Portugal no Brasil começou em Setembro e termina a 10 de Junho. Há várias iniciativas planeadas.

### QUANTO CUSTA O ANO DE PORTUGAL NO BRASIL?

Miguel Horta e Costa acredita que foi convidado para comissário porque era importante que fosse a sociedade civil a promover as iniciativas. O custo total dos projectos ultrapassa os 40 milhões de euros e o que foi solicitado de apoio são 18 milhões. “Nunca chegaremos a estes valores”, assume Horta e Costa que garante não serem apenas as grandes empresas a contribuir.

### ENCONTROS EMPRESARIAIS CONTINUAM EM 2013

Já houve dois encontros empresariais, na Baía e no Recife. Vai ainda haver outro em Belo Horizonte, no início de 2013. Vai, também, haver vários seminários em São Paulo. Um, sobre economia criativa, é patrocinado pelo BCP. Outro será dedicado à inovação, com apoio da ES Ventures e do Governo português, através do secretário de Estado do Empreendedorismo, Carlos Oliveira. O fecho será com o congresso dos líderes empresariais portugueses e brasileiros.

### VENDER IMOBILIÁRIO PORTUGUÊS NO BRASIL

Uma das iniciativas que já está a decorrer é a montra de imobiliário. Horta e Costa acredita que os brasileiros podem ser importantes investidores nos imóveis. “Os brasileiros estão a investir pesadamente na Florida, por que é que não investem cá? Porque não conhecem”, diz Horta e Costa. Foi feita a primeira montra imobiliária no Rio de Janeiro, de 6 a 9 de Dezembro, que passará por São Paulo e por outras cidades.

### CULTURA É IMPORTANTE

O início do Ano de Portugal no Brasil coube a Mariza num concerto em Brasília. Também os The Gift, Carminho e António Zambujo já entraram no programa. Nas exposições, a da obra de Vieira da Silva fica presente até 17 de Fevereiro.

## CONSTRUÇÃO

# Aníbal ganha obra de 13 milhões no banco central de Moçambique

## Construtora leiriense vai edificar a nova delegação em Nampula

### ANTÓNIO LARGUESA

alarguesa@negocios.pt

O Grupo Aníbal Oliveira Cristina (AOC) ganhou o concurso para a construção da nova delegação do Banco de Moçambique, em Nampula, avaliado em 13 milhões de euros, disse ao **Negócios** o director de produção, Nuno Fernandes. O contrato, assinado em Outubro, prevê a entrega em 20 meses de um edifício de escritórios com quatro pisos e 5.200 metros quadrados.

Já a decorrer com a montagem do estaleiro e a movimentação de terras, a obra será desenvolvida em parceria com uma PME de capitais moçambicanos. Sem quantificar, Fernandes frisou que “a escolha do parceiro é fundamental para tentar limitar o investimento inicial” em Moçambique, onde está a ser criada uma sucursal. Com o “braço” africano, o grupo leiriense quer “alavancar outras operações que surjam neste mercado”.

Localizada mais de dois mil quilómetros a Norte de Maputo, Nampula é a terceira maior cidade e a segunda maior praça financeira do país. É a capital da província com o mesmo nome e o segundo destino preferencial dos investimentos do ramo bancário. Segundo os dados avançados em Junho por António Pinto de Abreu, vice-governador do banco central, citado pelo jornal “Notícias”, nos últimos cinco anos o número de representações bancárias aumentou de 22 para 47, equivalendo a mais de 10% do total dos balcões existentes.

Para a “capital do Norte”, que começa a estruturar-se como plataforma logística – com projectos na área extractiva, ferroviária e aeroportuária – seguiu já uma dezena de quadros intermédios e especializados da AOC. “Está previsto irem ainda mais. Contamos deslocar pelo menos algumas pessoas-chave que dão confiança do ponto de vista da execução técnica e da própria engenharia”, resumiu o director. No pico da obra, no último trimestre de 2013, serão mobilizadas perto de cem pessoas, entre contratados locais e expatriados.

60%

Em dois anos, o grupo leiriense deslocou mais de metade do negócio para o estrangeiro. Em 2010, só trabalhava em Portugal.

## Escolher parceiro é fundamental para limitar o investimento.

### NUNO FERNANDES

Director de produção da AOC

### Lá fora “por necessidade”

Com esta obra, Moçambique passou a representar “mais ou menos o mesmo que todo o mercado europeu, excluindo Portugal, na carteira de obras” do grupo, que tem sede em Leiria e esticou há dois anos um outro “braço”, uma metalomecânica, com fábrica no mesmo concelho. No fecho de 2012, 60% da facturação (estimada em 21 milhões de euros) estará fora. Além de Moçambique, a AOC tem sucursais em Espanha e França, e “algumas operações” em Israel.

A internacionalização da construtora, que emprega actualmente 86 pessoas, avançou em 2010 por “necessidade”, reconheceu Nuno Fernandes. Até aí tinha 100% do negócio em Portugal. A “travagem brusca do investimento público” e o fim de programas como o Parque Escolar quebraram em 40% a facturação em 2011, que recuou para 14,5 milhões de euros.

A recuperação parcial neste ano foi alimentada no exterior e o grupo prevê “reduzir drasticamente” a operação portuguesa em 2013. “O investimento público está estagnado, o particular continua em baixa significativa, portanto é difícil as empresas sobreviverem neste mercado, sobretudo quando estão estruturadas e vocacionadas para um mercado – o da obra pública – que deixou de existir”, rematou.

futuro e para outras oportunidades.

**Politicamente, parece no entanto que Portugal se virou mais para outros países, inclusivamente na América Latina, do que para Brasil. Não sente esse esmorecimento das relações políticas?**

Não sinto. Em determinada altura falou-se na cimeira luso-brasileira e do Brasil veio uma reacção interessante. Quiseram fazer um trabalho de preparação mais aturado para ter uma cimeira mais consequente. Uma cimeira só para declarações políticas não vai a lado nenhum. Foi gratificante ver que, quando a presidente Dilma lançou o programa Educação sem Fronteiras para possibilitar aos estudantes universitários brasileiros fazerem licenciaturas, mestrados e doutoramentos no estrangeiro, Portugal aparece no topo dos pedidos.

**Não é uma questão da língua?**

Também, mas o Brasil sente-se muito atraído por Portugal e as nossas universidades têm muito boa imagem no Brasil.

**Que portas é que podem ser efectivamente abertas no campo empresarial?**

Se nós conseguirmos que este ano seja um contributo importante para actualização da nossa imagem

no Brasil penso que teremos uma grande conquista e vai abrir portas para o futuro. Este ano tem de ser uma ponte para o futuro e não apenas um momento no tempo. Um outro objectivo é trazer investimento brasileiro para Portugal. É possível fazê-lo. Há um campo importantíssimo, que é o imobiliário.

### E noutros sectores?

A Embraer está fascinada com Portugal, com a qualidade dos nossos trabalhadores. Outros investimentos são possíveis. E vamos levar ao Brasil as empresas portuguesas de inovação. A Ydreams é responsável pelos balcões mais desenvolvidos do Bradesco.

### Algumas dessas empresas não têm dinheiro para a internacionalização.

Podem não ter. O Brasil pode abrir oportunidades, até de financiamento, interessantes.

### A imagem que nós temos dos brasileiros também se alterou nos últimos anos, não é só samba e caipirinha?

Eles estão a tentar também mudar essa imagem, se vai ser conseguido não sei. O maior conhecimento da situação do Brasil e maior divulgação também vai alterar a imagem que temos do Brasil.